

OS SOCIOTOPÔNIMOS AFRICANOS EM MINAS GERAIS

Emanoela Cristina Lima Cotta (UFMG)
emanoelacl@gmail.com

RESUMO

Este estudo dará ênfase à sociotoponímia africana de Minas Gerais. Os sociotopônimos, nomes relativos às atividades sociais do homem, representam a motivação toponímica africana mais recorrente no estado, como revelado na dissertação “A toponímia africana de Minas Gerais”. Dos 1480 africanismos que compõem *corpus* da pesquisa em questão, 477 são sociotopônimos, o que representa 32% dos dados. A presença significativa do negro, iniciada nos séculos XVIII e XIX, período em que ocorreu povoamento do território mineiro, deixou remanescentes em diversos aspectos da cultura local e, conseqüentemente, no léxico sociotoponímico de Minas Gerais. Tendo ciência desse fato e, ainda, sabendo que os topônimos testemunham parte da história da língua, já que os contatos linguísticos e culturais entre os povos costumam ser registrados e conservados por esses signos linguísticos, propusemo-nos a estudá-los, apontando suas ocorrências, descrevendo-os e investigando-os, seguindo os embasamentos teórico-metodológicos de Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b e 2004). O *corpus* da pesquisa é proveniente do banco de dados do Projeto ATEMIG (FALE/UFMG), no qual estão registrados os topônimos mineiros presentes em cartas topográficas do IBGE.

Palavras-chave:

Africanismo. Sociotoponímia. Toponímia. Minas Gerais.

1. Introdução

O processo de nomeação é um ato designativo constituído por meio da relação entre ambiente, povo e cultura, sendo assim essa inter-relação homem-ambiente também é representada pela linguagem. O nome de lugar evidencia a realidade do ambiente físico de uma determinada região, uma vez que revela características da vegetação, da hidrografia, da fauna, das condições de solo e de relevo. Além do meio físico, a cultura e os costumes dos povos, exercem expressiva influência no processo denominativo. A relação do homem com o trabalho que executa em seu meio social e com grupo como o qual convive são fatores que podem ser decisivos no processo de nomeação dos lugares.

A Toponímia, ciência que se dedica ao estudo dos nomes de lugar, revela-se de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo, pois possibilita o reconhecimento de fatos linguísticos, ideologias e crenças, uma vez que investigar os nomes dos locais

compreende também a análise da cultura e da relação do homem com o meio em que vive. Dick afirma que: “sem dúvida a cultura do grupo é determinante na condução desse saber-fazer denominativo, responsável pelas novas séries de designação que formam a cadeia lexical, nas perspectivas de uma antropologia linguística que é também semiológica.” (DICK. In: SEABRA. 2006, p. 100).

Diante do valor social, histórico, cultural e linguístico da Toponímia, neste estudo analisaremos os sociotoponímia africana em Minas Gerais. Os sociotopônimos, conforme o modelo de taxionomia toponímica proposto por Dick (1990a), são nomes de lugares ligados às atividades profissionais, locais e postos de trabalho e locais públicos onde as pessoas se reúnem. Os dados e análises expostos neste estudo são provenientes da dissertação “A toponímia africana em Minas Gerais”, a qual teve *seu* formado a partir do banco de dados Projeto ATEMIG, que realiza o detalhamento e análise da realidade toponímica de todo o território mineiro, seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos propostos por Dauzat (1926) e Dick (1990a).

Pesquisar a sociotoponímia africana em Minas Gerais faz-se relevante, uma vez que o estudo toponímico possibilita a identificação e a recuperação de fatos linguísticos recorrentes no ato denominativo. Os topônimos testemunham parte da história da língua, já que os contatos linguísticos e culturais entre os povos são registrados e conservados por meio desses signos linguísticos. Por essa razão, seguindo os embasamentos dos estudos toponímicos, nossa proposta é investigar os sociotopônimos de origem africana, com o intento de demonstrar como o processo de povoamento de Minas, marcado pelo intenso contato com os escravos africanos, e como as atividades laborais e coletivas dos negros serviram de motivação social e cultural para a toponímia do estado mineiro.

2. A contribuição lexical africana ao português do Brasil

A presença do negro africano no Brasil contribuiu para a formação do português brasileiro, especialmente no léxico. As palavras de origem africana que integraram o vocabulário brasileiro são denominadas africanismos. Conforme Petter (2011, p. 3), para compreendermos o que é africanismo, é necessário analisar primeiramente o conceito de brasileirismo. A autora parte de um conceito de Celso Cunha, que define brasileirismo como “qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em

contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo”.

Após expor esta definição, Petter afirma que o africanismo pode estar na origem de um brasileirismo e é exatamente neste ponto que se situa uma questão: se os africanismos aportaram no Brasil e colaboraram para a constituição do léxico nacional, não seriam estes brasileirismos também? A autora nos fornece uma definição de africanismo, que de certa forma, nos auxilia a solucionar essa questão. Segundo ela, o africanismo é “o termo ou expressão de uso coloquial resultante do contato do português com a língua africana ocorrido na África, em Portugal ou no Brasil, sendo neste caso parte integrante dos brasileirismos (PETTER, 2011, p. 5).

Ou seja, o africanismo é reconhecido pela autora como “parte integrante” da língua, não como um mero empréstimo ou uma simples influência, uma vez que esses contribuíram efetivamente na formação do léxico brasileiro.

Conforme Petter e Alkmim (2008, p.146), a presença de termos de origem africana vem sendo registrada no português desde Bluteau (1712) e Moraes (1813), considerados os primeiros dicionários da língua portuguesa. Ou seja, já no século XV, antes da chegada dos portugueses ao Brasil, a língua portuguesa já havia entrado em contato com as línguas africanas.

A partir da segunda metade do século XVI, o contato da língua portuguesa com as línguas africanas foi intensificado durante o processo de expansão marítima, quando os portugueses passaram a praticar o tráfico de escravos da África para a América, que estendeu-se no Brasil por mais de três séculos. Segundo Biderman (2002),

A importação de escravos africanos para o Brasil, que se iniciara no século XVI, continuaria até meados do século XIX. Nesses quatro séculos quatro milhões (ou mais) de africanos das mais variadas culturas e línguas ingressaram no Brasil. Muitas foram as línguas e culturas africanas trazidas pelos escravos: iorubá (ou ioruba) e nagô (da Nigéria), gege (do Daomé), mina (da Costa do Ouro), mandinga e haussá (da Guiné e da Nigéria), línguas bantus (de Angola e do Congo), quicongo, cabinda, etc. Na formação da sociedade e da cultura brasileira foi enorme a influência africana nos costumes e na cultura em geral (cozinha, religião, música, atitudes). (BIDERMAN, 2002, p. 68-9)

O contato das línguas africanas com o português brasileiro, estabelecido ao longo desses quatro séculos, foi bastante intenso, e o vocabulário brasileiro, conseqüentemente, recebeu grande contribuição dessas línguas.

Desse modo, observa-se uma quantidade bem expressiva de africanismos no português do Brasil.

Ao analisar trabalhos que registraram a presença de termos oriundos de línguas africanas no léxico do português brasileiro, Petter (2002, p. 141) verifica que o registro em obras lexicográficas das palavras provenientes de línguas africanas, desde o final do século XIX até meados do século XX, esteve associado à reivindicação da identidade da língua nacional.

Embora fossem ‘termos estrangeiros’ do ponto de vista do português europeu, constituíam, na perspectiva brasileira, ao lado dos indigenismos, os *brasileirismos*, contribuindo com sua parcela de originalidade para a defesa do argumento da autonomia do português do Brasil. Assim como os africanos se incorporaram paisagem americana no século XVII, sendo considerados como habitantes naturais da América – haja vista pinturas seiscentistas –, as unidades lexicais africanas também são percebidas como autóctones pelos defensores do PB (PETTER, 2002, p. 141).

Assim, Petter observa que à medida que estudos especializados se desenvolviam – Nelson de Senna (1926), Mendonça (1933), Raymundo (1933), Dante de Laytano (1936), e outros – os termos de origem africana foram ganhando autonomia, constituindo uma classe importante entre os *brasileirismos*, distinguindo-se como africanismos.

Nelson de Senna afirma que os africanos deixaram, por todo o País, traços de seus vocábulos nativos, termos e expressões que foram incluídos na linguagem coloquial brasileira. Estes africanismos são encontrados em denominações geográficas, em termos designativos de iguarias, bebidas, plantas, animais, frutos, remédios, danças, instrumentos, ferramentas e artefatos diversos (SENNA, 1938).

Outros autores, assim como Nelson de Senna e Margarida Petter, também desenvolveram estudos relacionados à contribuição africana na formação lexical e da cultura nacional como um todo. Dentre eles, destacamos os já mencionados Jacques Raymundo e Renato Mendonça, e outros como Yeda Pessoa de Castro, Fernando Tarallo, Sônia Queiroz, Tânia Alkimin, Emílio Bonvini, Ney Lopes, Tarcísio Martins. Estudiosos que deixam evidenciadas as heranças linguístico-culturais africanas que são conservadas pelo povo brasileiro.

Queiroz (In: SEABRA, 2006, p. 63) afirma que são poucas as publicações dedicadas ao registro dos aportes culturais africanos, o que acaba

por delinear com maior clareza nosso ainda grande desconhecimento sobre a contribuição africana à formação da cultura brasileira.

3. Procedimentos de coleta, de apuração e de análise dos dados

De maneira vinculada ao Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, verificamos como se deu a distribuição geográfica dos sociotopônimos africanos nas doze mesorregiões mineiras, a partir da coleta e da organização dos topônimos que constam do banco de dados do Projeto, constituindo, assim, um *corpus* de dados contemporâneos. Cabe ressaltar que tanto a coleta quanto a elaboração das fichas resumidas foram desenvolvidos anteriormente nas pesquisas do Projeto ATEMIG. Ficando a cargo da pesquisa de mestrado, a consulta dos topônimos a fontes bibliográficas diversas, a fim de proceder a análise e a quantificação do *corpus* cedido.

O *corpus* foi catalogado em fichas lexicográficas, conforme modelo sugerido por Dick (2004). Essas fichas constituem uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura. Na análise quantitativa do *corpus* apresentamos a quantificação dos dados em gráficos e tabelas. Nesta parte do estudo apontamos informações gerais como a quantificação total das ocorrências de cada categoria toponímica no estado e nas mesorregiões, informações específicas como a identificação do número de ocorrências de cada tipo de acidente geográfico, isto é, a identificação de quantos rios, córregos, fazendas, povoados, dentre outros acidentes que foram designados por sociotopônimos.

Para a análise linguística dos topônimos africanos, organizamos os topônimos em bases léxicas. Na sequência observamos se cada base léxica dos topônimos está registrada como africanismo em dicionários gerais, morfológicos e etimológicos do português. Os nomes serão consultados também na compilação A árvore da palavra, coordenada pela Profa. Dra. Sônia Queiroz. Em seguida, observaremos se o africanismo é encontrado nas obras de estudiosos que tratam do léxico africano no Brasil, como Jacques Raymundo, Renato Mendonça, Nelson de Senna, Yeda Pessoa de Castro, Ney Lopes, dentre outros.

Por fim passamos para organização glossário tanto no método semasiológico quanto no método onomasiológico. No critério semasiológico, as entradas foram organizadas a partir dos significantes e os verbetes são organizados em ordem alfabética. Já, pelo critério onomasiológico, a

organização dos verbetes é realizada em categorias específicas ou em campos de significado. A confecção do verbete foi baseada em modelo proposto por Seabra (2009), em seu trabalho de pós-doutoramento intitulado *Fitotoponímia Mineira* (inédito), com a realização das adaptações necessárias. Serão adotados os seguintes procedimentos:

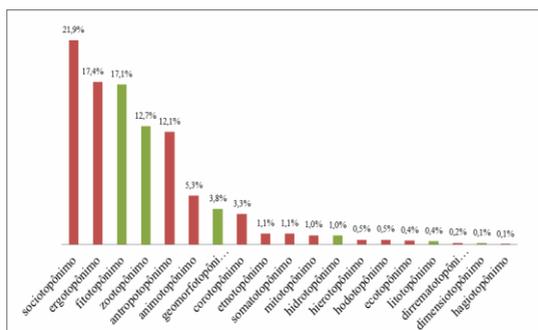
- os topônimos, segundo a forma em que constam nas cartas geográficas do IBGE, constituirão as entradas;
- a classificação morfológica e a origem dos topônimos;
- a definição lexicográfica;
- a localização do topônimo nas mesorregiões e municípios onde se encontram;
- o número de ocorrências do topônimo em território mineiro;
- as variantes do nome encontradas em território mineiro.

Neste trabalho, será apresentado parte do glossário referente aos sociotopônimos organizado pelo critério semasiológico.

4. A sociotoponímia africana em Minas: resultados de pesquisa

Os sociotopônimos, conforme o modelo de taxionomia toponímica proposto por Dick (1990a), são nomes de lugares ligados às atividades profissionais, locais e postos de trabalho e locais públicos onde as pessoas se reúnem. A dissertação “A toponímia africana em Minas Gerais” registrou 1480 africanismos, dos quais 477 foram classificados como são sociotopônimos, o que representa 32% dos dados analisados. A sociotoponímia foi a motivação denominativa mais recorrente dentre os topônimos africanosmineiros.

Gráfico 1: Percentual das taxionomias toponímicas africanas em Minas Gerais



Fonte: LIMA, 2012.

Tabela 1: Sociotopônimos africanos por mesorregiões mineiras

Mesorregião	Topônimos africanos	Sociotopônimos africanos	Porcentagem de sociotopônimos em meio aos africanismos
Central Mineira	82	50	61%
Norte	148	73	49%
Oeste de Minas	150	67	45%
Noroeste	27	12	44%
Metropolitana	170	63	37%
Triângulo/ Alto Paranaíba	162	52	32%
Campo das Vertentes	77	25	32%
Mata	199	46	23%
Sul	250	55	22%
Rio Doce	104	18	17%
Jequitinhonha	82	14	17%
Mucuri	29	2	7%
Minas Gerais	1480	477	32%

Fonte: elaboração própria

A análise quantitativa dos dados revela a Região Central (61%) com o maior índice percentual de sociotopônimos africanos, seguida pela Região Norte (49%) e pela Região Oeste de Minas (45%).

4.1. A variação das bases africanas nos topônimos mineiros

Em nossos estudos dos topônimos mineiros, foram registradas 96 bases léxicas de possível origem africana, que se desdobraram em 222 variações toponímicas. Essas variantes, por sua vez, foram repetidas nos nomes de córregos, rios, ribeirões, riachos, lagoas, serras, morros, cidades, fazendas, povoados, localidades, compondo, assim, os 1480 topônimos mineiros de provável origem africana que formam o *corpus* desta dissertação.

Dentre as bases léxicas, três bases de motivação sociotoponímica destacaram-se: monjolo, mocambo e quilombo. A base *monjolo* registrou onze variações: *Monjolo*, *Monjolinho*, *Monjolinho dos Lopes*, *Monjolinho dos Teixeiras*, *Monjolo de Guilhermino da Costa Lopes*, *Monjolo de Manuel P da Costa Lopes*, *Monjolo de Valdir B dos Santos Lopes*, *Monjolo de Vicente L de Camargo Lopes*, *Monjolo Velho Lopes*, *Monjolo Velho de Balbina Antônio da Silva Lopes*, *Monjolos Lopes* e *Córrego do Monjolo*. Ao longo de todo o território mineiro, foram registrados 202 topônimos formados pela base *manjolo*. *Mocambo*, apresentou nove variações, que se repetiram em 75 topônimos; *Quilombo*, oito variações, 122 topônimos; e *Angu* com oito variações, 24 topônimos.

5. Sociotopônimos africanos: glossário

BAMBAQUIRI • Nm [Ssing] • *origem incerta* • sociotopônimo • Dança de negro. • Nomeia • Rio Doce: *córrego* e *povoado* em Iapu. • 2 ocorrências • Dicionarizado como *bambaquerê*.

BANGÜÊ • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo/ sociotopônimo • 1. Espécie de maca, feita de cipós entrelaçados, usada antigamente para transportar crianças, enfermos ou mortos; servia também para carregar a bagaceira da moenda e materiais de construção para o canteiro de obra. 2. Engenho-de-açúcar rudimentar. • Nomeia: • Norte: *córrego* e *localidade* em Bocaiúva; *lagoa* em Itacarambi; *córrego* em Grão Mogol. • Oeste de Minas: *córrego* em Passa-Tempo. • 5 ocorrências.

CAÇANJE • Nmf [Ssing] • *banto* • etnotopônimo/ sociotopônimo • 1. Grupo étnico africano proveniente de Angola. 2. Língua crioula de base portuguesa falada por esse grupo. 3. Português falado fora da norma padrão. • Nomeia • Campo das Vertentes: *localidade* e *córrego* em Nazareno. • 2 ocorrências.

CAFOFO • Nm [Ssing] • *banto* • geomorfotopônimo/ ergotopônimo /sociotopônimos • 1. Terreno pantanoso ou alagadiço. 2. Quarto ou lugar reservado com coisas velhas, usadas ou bagunças. 3. Lugar onde os escravos ficavam presos antes de serem vendidos. 4. Lugar pouco conhecido, esconderijo. • Nomeia • Oeste de Minas: *córrego* e *localidade* em Itapecirica. • 2 ocorrências.

CAFUA • Nf [Ssing] • *banto* • geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo • 1. Cavidade subterrânea; caverna. 2. Escavação feita na terra; cova. 3. Lugar escuro e isolado; esconderijo. 4. Habitação miserável. • Nomeia • Campo das Vertentes: *córrego* e *fazenda* em Lavras. • Metropolitana: *córrego* em Baldim. • Oeste de Minas: *cachoeira* e *fazenda* em Pedra do Indaiá; *fazenda* em Pimenta. • Sul: *córrego* e *fazenda* em Turvolândia; *fazenda* em Inconfidentes. • 9 ocorrências.

CALINDÉ • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Norte: *fazenda* em Montezuma. • 1 ocorrência. • Ver: *Calundu*.

CALINDO • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Norte: *morro* em Manga; *rio* em Itacarambi. • 2 ocorrências. • Ver: *Calundu*.

CALUNDÓ • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Mucuri: *córrego* em Ataléia. • 1 ocorrência. • Ver: *Calundu*.

CALUNDU • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • 1. Estado de ânimo caracterizado por mau humor, irritabilidade. 2. Manha, capricho. 3. Culto afro-brasileiro; festas ou celebrações de origem ou caráter religioso. • Nomeia • Mata: *córrego* e *fazenda* em Abre Campo. • Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Belo Vale. • 4 ocorrências.

CALUNGU • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Noroeste: *córrego* em Uruana de Minas. • 1 ocorrência. • Ver: *Calundu*

CAMBINA • Nmf [Ssing] • *banto* • etnotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimos • 1. Indivíduo do grupo dos cabindas; negro da costa norte de Angola, trazido para o Brasil. 2. Língua do grupo quicongo falada por esse povo. • Nomeia • Sul: *córrego* em Nova Resende. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *cambinda*.

CANJERÊ • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Sessão de feitiçaria; ritual para abençoar, abrir caminhos. • Nomeia • Mata: *fazenda* em Senador Cortes. • 1 ocorrência.

CANJICA • Nf [Ssing] • *banto* • fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo • 1. Milho de coloração branca. 2. Prato típico de festas juninas, preparado com grãos de milho branco, leite, leite de coco, açúcar, cravo, canela e amendoim torrado. 3. Papa cremosa de milho verde ralado e cozido com leite e açúcar; corá, curau, munguzá. 4. Dentes. • Nomeia • Campo das Vertentes: *localidade* em Nazareno; *fazenda* em Madre de Deus de Minas. • Central Mineira: *córrego* em Corinto. • Mata: *fazenda* em Divinésia. • Metropolitana: *córrego* em Cordisburgo; *córrego, fazenda e povoado* em Itatiaiuçu. • 11 ocorrências. • Oeste de Minas: *povoado e ribeirão* em Perdigoão. • Sul: *córrego* em Jacuí.

CATIMBAU • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo/ animotopônimo/ antropotopônimo • 1. Culto de feitiçaria ou baixo espiritismo liderado por um mestre que defuma os assistentes com seu cachimbo, e a quem se recorre para resolver problemas diversos, tanto para o bem quanto para o mal. 2. Cachimbo utilizado nesse ritual. 3. Feitiçaria. • Nomeia • Campo das Vertentes: *fazenda* em Resende Costa. • 1 ocorrência.

CAXAMBU • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo/ sociotopônimo • 1. Tambor grande, tipo de membrafone, atabaque. 2. Dança afro-brasileira, semelhante ao batuque e com canto, ao som de tambor e de cuícas; jongo. • Nomeia • Campo das Vertentes: *córrego* em Dores do Campo; *localidade* em São João Del Rey. • Mata: *córrego e fazenda* em Santos Dumont. • Rio Doce: *córrego* em Iapu; *localidade* em Mesquita. • Metropolitana: *córrego* em Piedade dos Gerais e Rio Piracicaba; *córrego e povoado* Pitangui. • Noroeste: *córrego e povoado* em João Pinheiro. • Oeste de Minas: *córrego* em Conceição do Pará, Igaratinga, Píui e Carmo da Mata; *fazenda* em Píui e Carmo da Mata; *morro* em Pimenta; *localidade* em Conceição do Pará; *ribeirão* em Santo Antônio do Amparo; *serra* em Itaúna. • Sul: *cidade* em Caxambu; *córrego* em Aiuruoca, Consolação, Cristina, Passa Quatro e Boa Esperança; *fazenda* em Boa Esperança, Bom Jardim de Minas, Campo do Meio, Carmo da Cachoeira, Conceição dos Ouros, Santana da Vargem, Cambuí e Senador Amaral; *morro* em Pouso Alto; *ribeirão* em Cambuí e Senador Amaral; *serra* em Arantina. • Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Tapira; *ribeirão e fazenda* em Sacramento. • 42 ocorrências.

CAXAMBU DE BAIXO • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto + port.*] • ergotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Campo das Vertentes: *localidade* em Dores do Campo. • Oeste de Minas: *fazenda* em Santo Antônio do Amparo. • 2 ocorrências. Ver: *Caxambu*.

CAXAMBU DE CIMA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • ergotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Oeste de Minas: *fazenda* em Santo Antônio do Amparo. • 1 ocorrência. Ver: *Caxambu*.

CAXAMBUZINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • ergotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *córregoefazenda* em Dolores do Indaiá. • 2 ocorrências. Ver: *Caxambu*.

CONGA • Nf [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo • 1. Dança popular de Cuba e de outros países latino-americanos, de origem africana. 2. Porcentagem dada ao dono da casa de farinha, como pagamento pela desmancha damandioca. • Nomeia • Campo das Vertentes: *localidade* em Madre de Deus de Minas. • Norte: *localidade* em São João do Paraíso. • Oeste de Minas: *córrego* em Nova Serrana. • 3 ocorrências.

CONGO • Nm [Ssing] • *banto* • etnotopônimo/ sociotopônimo • 1. Nativo do reino do Congo, nas atuais repúblicas do Congo-Kinshasa e do Congo-Brazzaville, bacongo. 2. Língua banta falada pelos congos. 3. Nação de candomblé de base religiosa essencialmente banto. • Nomeia • Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • Mata: *córrego e fazenda* em Barra Longa; *córrego e localidade* em Ervália. • Metropolitana: *córrego e serra* em Barão de Cocais • Norte: *córrego* em Grão Mongol. • Oeste de Minas: *córrego e localidade* em Carmópolis de Minas. • Rio Doce: *córrego* em Sabinópolis. • Sul: *córrego* em PassaVinte. • 12 ocorrências.

CONGO CHOCO • Nm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • etnotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Oeste de Minas: *ribeirão* em Candeias. • 1 ocorrência. • Ver: *Congo*.

CONGO VELHO • Nm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • etnotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Metropolitana: *serra* Barão de Cocais. • 1 ocorrência. • Ver: *Congo*.

CONGOS • Nm [Spl] • *banto* • etnotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia • Mata: *córrego e fazenda* em Aracitaba. • 2 ocorrências.

CONGOS DE JOSÉ FERREIRA • Nm [Spl + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • etnotopônimo/sociotopônimo • Nomeia • Mata: *fazenda* em Aracitaba. • 1 ocorrência. • Ver: *Congo*.

CONGUÊS • Nm [S/ADJsing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • etnotopônimo / sociotopônimos • 1. Relativa a Congo ou seu natural ou habitante; congolês. 2. Língua do Congo. • Nomeia • Sul: *fazenda* em São Gonçalo do Sapucaí. • 1 ocorrência.

CUMBÉ • Nf [Ssing] • *origem incerta*. • sociotopônimo • Dança de origem africana • Nomeia • Metropolitana: *córrego* e *povoado* em Itaverava. • 2 ocorrências.

LAMBA • Nf [Ssing] • *banto/kwa* • ergotopônimo/ sociotopônimo/ animotopônimo • 1. Vara flexível com tiras de couro utilizada para bater em animais ou castigar pessoas, chicote. 2. Trabalho forçado, penoso. 3. Tristeza, desgraça. • Nomeia • Jequitinhonha: *córrego* em Veredinha. • 1 ocorrência.

MAXIXE • Nm [Ssing] • *banto* • fitotopônimo/ sociotopônimo • 1. Fruto do maxixeiro, planta anual da família das cucurbitáceas. 2. Dança urbana, de par unido, resultante da fusão da habanera e da polca com uma adaptação do ritmo sincopado africano. • Nomeia • Jequitinhonha: *córrego* Coronel Murta. • Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Carmo do Paranaíba; *córrego* e *serra* em Lagoa Formosa. • 4 ocorrências.

MOCAMBA • Nf [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Nomeia • Noroeste: *fazenda* em Cabeceira Grande. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*. Dicionarizado como *mocambo*.

MOCAMBINHO • Nm [Ssing] • *híbrido [banto + port.]* • sociotopônimo • Nomeia • Noroeste: *córrego* em Dom Bosco. • Norte: *córrego* em Riacho dos Machados e Rio Pardo de Minas; *fazenda* em Monte Azul, Brasília de Minas, Gameleiras e Riachinho; *riacho* em Itacarambi e Manga; *vila* em Porteirinha e Riacho dos Machados. • 11 ocorrências

MOÇAMBIQUE • Nm [Ssing] • *banto* • corotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo • 1. País situado na costa oriental da África Austral, oficialmente denominado República de Moçambique. 2. Indivíduo natural de Moçambique trazido para o Brasil, de fala majoritária ronga e chagada. 3. Dança. • Nomeia • Metropolitana: *córrego* e *fazenda* Cordisburgo. • 2 ocorrências.

MOCAMBO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Refúgio de escravos, geralmente em matas, equivalente ao quilombo. • Nomeia • Central Mineira: *córrego* e *fazenda* em Augusto de Lima e Pompéu; *localidade* em Buenópolis e Mocambinho; *córrego* em Três Marias; *fazenda* em Morada Nova de Minas. • Jequitinhonha: *fazenda* em Araçuaí, Coronel Murta e Jacinto. • Mata: *córrego* em Palma. • Metropolitana: *córrego* em Baldim; *córrego*, *fazenda* e *povoado* em Paraopeba. • Noroeste: *córrego* e *fazenda* em Bonfinópolis de Minas; *serra* em João Pinheiro. • Norte: *córrego* em Bocaiúva, Claro dos Poções, Francisco Sá, Indaiabira, Juramento, Lagoa dos Patos, Monte Azul, Montes Claros, Rio Pardo de Minas e Santa Fé de

Minas; *fazenda* em Bocaiúva, Coração de Jesus, Indaiabira, Itacarambi, Manga e Santa Fé de Minas; *localidade* em Bocaiúva, Campo Azul, Coração de Jesus, Indaiabira, Lagoa dos Patos, Monte Azul, Porteirinha, Rubelita; *povoado* em Rio Pardo de Minas; *riacho* em Coração de Jesus, Januária, São Francisco, São João da Lagoa e Montes Claros. • Sul: *fazenda* em Carmo de Minas; *povoado* em Muzambinho. • 66 ocorrências.

MONJOLINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Campo das Vertentes: *córrego* em Nepomuceno. • Central Mineira: *córrego* em Pompéu, Bom Despacho, Lagoa da Prata, Abaeté e Quartel Geral; *fazenda* em Bom Despacho, Lagoa da Prata, Estrela do Indaiá e Martinho Campos. • Mata: *córrego*, *localidade* e *serra* em Chiador e Mar de Espanha *córrego* em Guarani; *fazenda* em Santa Rita do Ibitipoca. • Sul: *córrego* em Minduri, Monte Belo, Aiuruoca, Cachoeira de Minas, Delfinópolis, Estiva e Silvianópolis; *fazenda* em Alfenas, Alpinópolis, Bom Jesus da Penha, Carvalhos, Heliadora, Minduri, Monsenhor Paulo, Monte Belo, Aiuruoca, Delfinópolis, Monte São, Pouso Alto e Santa Rita de Caldas. • Triângulo/Alto Paranaíba: *localidade* em Comendador Gomes; *córrego* em Gurinhatã, Comendador Gomes, Ituiutaba, Prata, Santa Rosa da Serra e Uberlândia; *fazenda* em Carmo do Paranaíba, Gurinhatã, Ituiutaba, Prata, Santa Rosa da Serra, Tiros, Uberlândia e Veríssimo; *povoado* em Carmo do Paranaíba e Prata. • 55 ocorrências. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLINHO DOS LOPES • Nm [Ssing + {(Prep + Apl) + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf. port.*}. + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Mata: *localidade* em Canaã. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLINHODOSTEIXEI-

RAS • Nm [Ssing + {(Prep + Apl) + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf. port.*}. + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Mata: *localidade* em Canaã. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • 1. Engenho rudimentar movido por água, utilizado para pilar milho e descascar café. 2. Antigo povo banto no Brasil, da etnia onjolo; indivíduo do grupo de línguas cuainama do sudoeste de Angola. • Nomeia • Campo das Vertentes: *córrego* em Barroso, Ibertioga, Luminárias e Resende Costa; *fazenda* em Desterro do Melo, Resende Costa. • Central Mineira: *córrego* em Curvelo, Abaeté, Presidente Juscelino e Dores do Indaiá; *fazenda* em Curvelo, Felixlândia e Abaeté. • Mata: *córrego*, *fazenda*
e *localidade* em Astolfo Dutra;

córrego em Rio Preto e Santa Bárbara do Monte Verde; *fazenda* em Santa Rita do Ibitipoca. • Metropolitana: *córrego* em Baldim, Conceição do Mato Dentro, Cordisburgo, Ferros, Sabará e Serro; *fazenda* em Araçá, Jaboticatubas, Maravilhas, Sabará e São José da Varginha; *morro* em Contagem; *povoado* em Conceição do Mato Dentro, Ferros e Sabará. • Mucuri: *córrego* em Ladainha. • Noroeste: *córrego* em Burity. • Norte: *córrego* em Grão Mongol. • Rio Doce: *córrego* em Bom Jesus do Galho e Conselheiro Pena; *fazenda* em Virginópolis; *localidade* em Açucena; *povoado* em Conselheiro Pena. • Sul: *córrego* em Monte Belo, Cambuí, Delfinópolis, Monte Santo de Minas e São Sebastião do Paraíso; *fazenda* em Alfenas, Passos, Três Pontas, Andreândia, Delfinópolis e Brasópolis. • Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Conquista, Gurinhatã, Monte Alegre de Minas e Rio Paranaíba. • 77 ocorrências.

MONJOLO DE GUILHERMINO DA COSTA LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO DE MANUEL P. DA COSTA LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO DE VALDIR B. DOS SANTOS LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *fazenda* em Dores do Indaiá. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO DE VICENTE L. DE CAMARGO LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *fazenda* em Dores do Indaiá. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO VELHO LOPES • Nm [Ssing + ADJsing + Ssing] • *híbrido* [{*banto* + *port.* + *antropônimo*}] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Patrocínio e Perdizes. • 3 ocorrências. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO VELHO DE BALBINA ANTÔNIO DA SILVA LOPES • Nm [Ssing + ADJsing + Ssing] • *híbrido* [{*banto* + *port.* + *antropônimo*}] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLOS • Nm [Spl] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *cidade* em Monjolos. • 1 ocorrências.

MONJOLOS LOPES • Nm [Spl + Ssing] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia • Metropolitana: *córrego* em São José da Varginha; *fazenda* em Congonhas; *povoado* em São José da Varginha. • Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda e ribeirão* em Campos Altos. • 5 ocorrências. • Ver: *Monjolo*.

MUCAMBINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • sociotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *córrego* e *serra* em Pompéu. • Nomeia • Norte: *córrego* em Bocaiúva, Brasília de Minas e Montes Claros; *povoado* em Francisco Sá. • 5 ocorrências. Ver: *Mocambo*. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMBINHO DE JOAQUIM MACHADO • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf.*} + *antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *fazenda* em Pompéu. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMBINHO DE JOSÉ MACIEL • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf.*} + *antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *fazenda* em Pompéu. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMBO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Nomeia • Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Matozinhos; *localidade* em Baldim. • 3 ocorrências. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • sociotopônimo • Nomeia • Mucuri: *fazenda* em Teófilo Otoni. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*.

QUILOMBIM • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • sociotopônimo • Nomeia • Campo das Vertentes: *fazenda* em Ibertioga. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • sociotopônimo • Nomeia • Campo das Vertentes: *localidade* em Antônio Carlos. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Território de negros. • Nomeia • Campo das Vertentes: *fazenda* e *córrego* em Ingaí; *fazenda* em Prados e Resende Costa. • Central Mineira: *córrego* em Curvelo, Buenópolis e Bom Despacho; *fazenda* em Curvelo, Monjolos e Lagoa da Prata; *lagoa* em Pompéu. • Jequitinhonha: *córrego* em Angelândia, Diamantina, Senador Modestino Gonçalves e José Gonçalves de Minas;

córrego, fazenda e morro em Novo Cruzeiro; *lagoa* em Ponto dos Volantes. • Metropolitana: *córrego* em Dom Joaquim, Ouro Preto, Pedro Leopoldo, Santo Antônio do Rio Abaixo, São Sebastião do Rio Preto e Serro; *fazenda* em Jaboticatubas, Rio Vermelho e Taquaraçu de Minas; *córrego e fazenda* em Alvinópolis, Belo Vale, Santa Maria de Itabira, Santana de Pirapama e Nova Era; *localidade* em Santana de Pirapama; *povoado* em Funilândia e Nova Era. • Noroeste: *localidade* em Unaí. • Mata: *córrego* Juiz de Fora, Piedade de Ponte Nova e Rio Preto; *ribeirão* em Bías Fortes; *fazenda* em Ponte Nova; *localidade* em Dores do Turvo; *córrego e localidade* em Piranga, Santa Cruz do Escalvado e Senhora de Oliveira. • Norte: *córrego* em Botumirim, Coração de Jesus, Cristália, Grão Mongol, Juramento, Monte Azul, Montes Claros, Porteirinha e Várzea da Palma; *fazenda* em Salinas e Serranópolis de Minas; *localidade* em Grão Mongol; *morro* em Pai Pedro e Porteirinha; *serra* em Monte Azul. • Rio Doce: *fazenda* em Sabinópolis; *localidade* em Braúnas, Carmésia, Jaguarapu e Sabinópolis. • Sul: *córrego* em Alterosa, Camanducaia, Carvalhos, Passa Quatro, Pouso Alto e Venceslau Brás; *fazenda* em Alterosa, Andrelândia, Brasópolis, Alpinópolis, Delfinópolis, Pouso Alto e Venceslau Brás; *morro* em Cachoeira de Minas, Camanducaia e Carvalhos; *ribeirão, córrego e fazenda* em Baependi; *serra* em Carvalhos e Delfinópolis. • Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Araguari, Campina Verde, Campos Altos, Gurinhatã, Monte Alegre de Minas, Serra do Salitre, Uberlândia, Capinópolis e Ituiutaba; *fazenda* em Araguari, Campos Altos, Monte Alegre de Minas e Uberlândia; *ribeirão* em Ibiá; *serra* em Araxá. • 114 ocorrências.

QUILOMBO DE CIMA • NCm [Ssing {Prep + ADJ}] • *híbrido* [*banto + port.*] • sociotopônimo • Nomeia • Metropolitana: *córrego* em Santana de Pirapama. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO DE GERALDO CORREIA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto + antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *fazenda* em Curvelo. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO DE SADIR FIGUEIREDO • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto + antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia • Central Mineira: *fazenda* em Curvelo. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO DO AMBRÓSIO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [*banto + port.*] • sociotopônimo • Nomeia • Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego e fazenda* em Ibiá. • 2 ocorrências. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO PRETO • NCm [Ssing + ADJ] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • sociotopônimo • Nomeia • Metropolitana: *localidade* em Santana de Pirapama. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUIBUNGO • Nm [Ssing] • *banto* • mitotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo • 1. Ente fabuloso do mito afro-brasileiro, trazido pelos bantos e popularizado na literatura oral. Ser fantástico, meio homem, meio animal, de cabeça enorme e um buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando levanta. 2. Indivíduo que faz feitiços; feiteiro. 3. Baile de negros. • Nomeia • Metropolitana: *povoado* em Santana dos Montes. • 1 ocorrência.

QUITANDA • Nf [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo • 1. Pequeno estabelecimento onde são vendidas verduras e frutas; tabuleiro em que os vendedores ambulantes expõem a sua mercadoria; feira. 2. Gulo-seimas semelhantes aos sequilhos, doces secos. Qualquer espécie de biscoito, bolo ou doce caseiro. • Nomeia • Mata: *localidade* em Dom Silvério. 1 ocorrência.

6. Considerações finais

Os membros de uma comunidade valem-se do sistema linguístico para representar a realidade e expressar os valores culturais partilhados socialmente entre si. É dessa maneira que o conhecimento, as crenças e os valores adquiridos ao longo do tempo são transmitidos de uma geração para outra, evidenciando, assim, a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade. Desse modo, a relação do negro com o trabalho que exerceu ou com as atividades coletivas que são importantes em sua comunidade foram elementos decisivos no processo de nomeação dos topônimos de origem africana em Minas Gerais. Dentre os 1470 nomes de lugar de possível origem africana do território mineiro, os sociotopônimos foi a motivação toponímica mais expressiva: os dados analisados revelaram 477 (32%) topônimos do universo social e laboral do homem.

A pesquisa proposta elencou os sociotopônimos, de modo a demonstrar como as atividades coletivas e laborais dos negros influenciou o processo de nomeação dos lugares de Minas Gerais. Apesar de pouco expressivos, esses números representam grande valor, já que revelam a presença da contribuição africana no processo de nomeação do território mineiro, num cenário de segregação, preconceito e perseguição. Esses nomes possibilitam o resgate de um pouco da história do negro e de sua contribuição para a formação toponímica e lexical do português do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: ME-
GALE, H. (org.) *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, São Paulo, Hu-
manitas, FFLCH/USP, 1998. p. 81-118

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLI-
VEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ci-
ências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande
(MS): UFMS, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In:
Estudos de Filologia. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981. p.131-45

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença,
1982.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins.
*Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome pró-
prio*. In: Cadernos do CNLF, v. XI, n.02, 2007. Disponível em: <
<http://www.filologia.org.br/xicnlf/>>.

CARVALHO, Ana Paula Mendes de. *Hagiotoponímia em Minas Ge-
rais*. 2014. 822f. Tese de Doutorado em Linguística (Universidade Federal
de Minas Gerais). Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DAUZAT, A. Les noms de lieux. Paris: Delagrave, 1926. DICK, Maria
Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na
Onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São
Paulo. In: *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife, UFPE: v.
9, 1999. p.119-48

DICK, M. V. P. A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso:
o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (vari-
ante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In.: SEABRA, M. C. T. C.
(Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG,
2006. p. 91-117

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia
no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Trad. Espanhola de Pe-
dro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ISQUERDO, A. N.; CASTIGLIONI, A. C. Em busca de modelo de dicionário onomástico toponímico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): UFMS; Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 291-310

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. de (Org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p.157-171

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, Oxford, Blackwell, 1972.

LEITE DE VASCONCELOS, J. Leite. *Opúsculos: onomatologia*. Vol. 3. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Tese de Doutorado (Universidade Estadual Paulista). Araraquara: UNESP, 1999.

MATORÉ, George. *La méthode em lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.) *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006, p.1953-1960.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.